

O Desenvolvimento das Crianças do Pacto sob a Pregação

Rev. Herman Hoeksema

Tradução: Nuno Pinheiro

Ninguém pode dizer quão cedo o Espírito Santo e Palavra de Deus, que é viva e dura para sempre, pode e desperta a semente da regeneração e traz a faculdade da fé a uma atividade mais ou menos consciente. Educadores mundanos percebem claramente que todo o mundo exterior jorra sobre a consciência de uma criança desde tenra infância e faz a sua impressão sobre aquela consciência. Educadores modernos realçam a importância de rodear a criança, mesmo ainda no berço, com objetos, sons, formas, cores e cheiros que façam a mais favorável impressão sobre o infante. Por que então não pode o Espírito Santo, em ligação com a Palavra viva de Deus, imprimir na pequena criança todas as influências de um verdadeiro lar do pacto – o cântico dos salmos ou hinos, as músicas sagradas tocadas, as orações dos pais junto ao berço, a pequena criança aprendendo a orar na mesa, e muito mais – para trazer a faculdade da fé à atividade consciente? Nós sabemos muito pouco acerca da vida de uma criança, mas é certo que muito antes da considerada idade de discernimento pode haver e há uma decisiva influência da Palavra de Deus sobre a criança do pacto.

De acordo com a nossa convicção, é especialmente por essa razão que as crianças do pacto são regeneradas em tenra infância. Por que deveria Deus, de acordo com a regra do pacto, trazer pequenas crianças sob a influência da pregação da palavra desde cedo, se elas não são regeneradas? Os mortos certamente não podem usar os meios de graça, e não há nenhuma reação apropriada à pregação por aqueles que estão espiritualmente mortos. Somente aqueles que estão vivos são capazes de usar os meios que o Espírito Santo providencia para a operação da fé e para o desenvolvimento e edificação dessa fé. Nós cremos que, como regra, as crianças do pacto eleitas são regeneradas desde a tenra infância. À medida que a criança cresce na esfera do pacto, ela gradualmente chega à fé consciente, recebe a promessa e assume a sua parte do pacto, a qual de acordo com a “Forma de Administração do Batismo”, consiste em ser:

admoestados e obrigados à nova obediência, a saber, que nos sujeitemos a este Deus, Pai, Filho e Espírito Santo; que confiemos nele, e amemo-lo de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, com todo o nosso entendimento e com todas as nossas forças; que

esqueçamos o mundo, crucifiquemos a nossa velha natureza, e andemos numa nova e santa vida.¹

Quando o filho do pacto alcança a idade de discernimento, tendo sempre andado no caminho da aliança, ele não é nem pode se esperar que seja consciente de uma súbita ou notável mudança ou conversão na sua vida. Sem dúvida, a mudança que chamamos de conversão precisa seguramente acontecer. O filho do pacto precisa ser capaz de dar contas de si próprio e precisa ter consciência da verdadeira conversão, que consiste na mortificação do velho homem e no despertar do novo homem. Ele precisa ter consciência de uma sincera tristeza de coração por ter provocado Deus com seus pecados. Ele precisa ser conhecedor de um desejo de odiar e fugir do pecado. Precisa ser consciente de uma sincera alegria de coração em Deus através de Cristo, e de um sincero deleite em viver de acordo com a vontade de Deus em todas as boas obras. Mas no caminho do pacto, essa conversão não é súbita nem marcante, mas gradual. A questão não é quando ou onde o filho do pacto foi convertido ou como essa mudança foi efetuada nele, mas antes se ele sabe da sua conversão e a revela por um andar no caminho de uma contínua conversão no meio da igreja e no mundo.² Toda essa mudança é efetuada através da pregação da palavra.

A pregação da palavra na esfera do pacto precisa ser tanto distintiva como edificante. Ela não pode proceder da suposição que todas as crianças do pacto, isto é, todas aquelas que nasceram na esfera e sob o pacto, são eleitas e regeneradas. A teoria da regeneração presumível, de acordo com a qual é presumido que todas as crianças nascidas sob o pacto são regeneradas, é certamente não-escriturística: nem todos os que são de Israel são israelitas; não são os filhos da carne, “mas os filhos da promessa são contados como descendência” (Romanos 9:6-8). Nem sequer pode ser dito que aqueles que estão sob o pacto, mas que são e permanecem carnis, e nunca chegam à fé salvadora ou verdadeira conversão, são a exceção e não a regra. A história da igreja do Antigo Testamento ensina precisamente o contrário. Sempre abundou a semente carnal no pacto da antiga dispensação, e somente um remanescente de acordo com a eleição da graça foi salvo.

Nem isso aparece de forma diferente quando olhamos para a igreja da nova dispensação em geral. Se considerarmos a cristandade batizada como um todo, parecerá que aqueles que apostataram da fé são incomparavelmente mais numerosos que os crentes fiéis. Sempre há a semente carnal na igreja. A teoria da regeneração presumível, que ensina que todas as crianças nascidas no pacto são eleitas, não é somente não-escriturística, mas também perigosa. Perigosa, não porque, como diz o ditado popular, ela tende a deixar as pessoas irem para o inferno com um céu imaginário. Isso é praticamente impossível, pelo menos onde a

¹ “Form for the Administration of Baptism”, em *The Psalter with Doctrinal Standards, Liturgy, Church Order, and added Chorale Section*. (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1995), 88.

² *Catecismo de Heidelberg*, Q & A 88-91.

verdade é pregada. Mas o perigo é que, por presumir o que não está de acordo com as Escrituras, ela deixa os de mente carnal na igreja, de forma que a igreja de Cristo é corrompida. Portanto, a pregação deve ser dirigida não só aos eleitos, mas também aos réprobos; não só aos santos, mas também aos mundanos. Ela precisa ser tão distintiva que debaixo da sua influência os réprobos e mundanos não consigam permanecer, mas se revelem como odiosos da verdade de Deus e seu Cristo.

Além disso, mesmo os eleitos e regenerados não são perfeitos; mesmo com respeito a eles, há muita carnalidade na igreja. Diariamente eles têm de guerrear contra os desejos e concupiscências da carne, de maneira que possam ser admoestados a andar pronta e dignamente no caminho do pacto, odiar o pecado, lutar contra o mesmo e fugir dele.

A pregação na esfera do pacto precisa ser sempre distintiva. Isso não significa necessariamente que precise dividir a igreja entre eleitos e réprobos, convertidos e não-convertidos, e dirigir-se a eles separadamente. Pelo contrário, isso significa que toda a igreja, como ela organicamente existe no mundo, precisa ser trazida sob a influência da mesmíssima pregação: a mesma palavra precisa ser dirigida a todos. Todos precisam ser exortados a serem convertidos e a se converterem, a arrependerem-se no pó e cinzas (Job 42:6). Todos precisam ser admoestados continuamente a andar no caminho da santificação e a viver antiteticamente como sendo do partido do Deus vivo no meio do mundo. Tal pregação será um sabor de vida para aqueles que Deus escolheu para a salvação eterna, mas ao mesmo tempo um sabor de morte para a morte para o restante (2Co. 2:16). Somente debaixo de tal pregação será a igreja edificada e os crentes fortalecidos.

Fonte: *Reformed Dogmatics – Volume 2*, Herman Hoeksema, Reformed Free Publishing Association, pg. 312-5.